

Uma nota sobre a ocupação em áreas de fronteira: o caso de Rondônia*

Lívio de Carvalho**

1. Introdução; 2. Crescimento da população e da PEA; 3. Perfil do migrante; 4. Programas de treinamento; 5. A evolução do emprego; 6. Conclusão.

1. Introdução

Esta nota visa dar uma idéia do processo de ocupação de Rondônia e derivar algumas considerações sobre a absorção de mão-de-obra no território. A experiência de Rondônia é extremamente relevante para aqueles que se preocupam com a ocupação de áreas de fronteira e com o impacto dessa ocupação na absorção de mão-de-obra proveniente de outras regiões do Brasil.

Aquele que se entrega à tarefa de examinar a situação econômica de Rondônia haverá, de imediato, de se deparar com duas constatações. A primeira é o fato de que o dinamismo de sua economia é incontestável. A segunda é que, exatamente por esse dinamismo, torna-se difícil ter uma idéia mais precisa sobre a situação hoje e ainda mais difícil projetar o que vai ocorrer no futuro.

Sem dúvida, as perspectivas econômicas para o território estão estreitamente vinculadas a uma maior ou menor agilização dos projetos de colonização (novos e já existentes), assim como a melhoras nas condições de transporte e comercialização de produtos agrícolas. Deste modo, de acordo com o grau de intensidade daquela agilização, podemos ter resultados bem diferentes. Ademais, para quem vá examinar as perspectivas do território, o caráter pioneiro de sua ocupação antepõe

* Esta nota constitui um sumário da parte de emprego e mão-de-obra da pesquisa *Diagnóstico e Perspectivas para o Território Federal de Rondônia*. Brasília, UnB, 1979. 11 v., mimeo, feita através de convênio entre a Universidade de Brasília e o Minter-Sudeco-Ter. Fed. Rondônia. Maiores detalhes sobre informações aqui veiculadas podem ser obtidas diretamente do autor.

** Do Departamento de Economia da Universidade de Brasília.

inúmeras dificuldades. Em primeiro lugar, existe uma grande escassez de informações. Por outro lado, apenas recentemente foram criados cinco novos municípios através do desmembramento da área dos dois municípios até então existentes (Porto Velho e Guajará-Mirim). O fato de a infra-estrutura administrativa dos municípios antigos não ser de todo satisfatória e a dos novos ainda encontrar-se em fase de implantação traz dificuldades, não somente quanto à quantidade como também à qualidade das informações, sendo as mesmas, por vezes, inteiramente conflitantes. Em vista das limitações, as considerações desta nota, sempre que possível, tomaram uma alternativa que representaria a continuação da tendência verificada no período pós-70, em contraposição a outra em que se intensificaria a ocupação econômica do território.

2. Crescimento da população e da PEA

O crescimento populacional do território foi bastante intenso após 1970, devendo-se este crescimento aos fortes fluxos migratórios para lá dirigidos. O motivo dessa migração é a procura de terras e diferentemente do fluxo migratório da década de 60, que se originava, na sua quase totalidade, dos estados da região norte, o posterior a 1970 provém primordialmente das regiões Sul e Sudeste. Estima-se que a população em 1978 era cerca de 352.000 habitantes, o que indicaria uma taxa média de crescimento anual de 15,6% no período 1970-78. O quadro 1 mostra as taxas de crescimento por período.

Quadro 1
Crescimento médio da população em Rondônia (1960/78)

1960/70	4,6%
1970/78	15,6%
1975/78	10,6%

Fonte: Censos demográficos e *Diagnóstico e Perspectivas para o Território Federal de Rondônia – Demografia*. Brasília, UnB, 1979, mimeo.

Para os anos de 1980 e 1985 as projeções variam com as hipóteses de migração feitas. Referimo-nos basicamente a dois conjuntos de hipóteses: um em que as migrações observadas no período 1976-78 são utilizadas para as projeções (“hipótese média” e “hipótese máxima”)¹ e outro em que se supõe a intensificação das

¹ Veja *Diagnóstico e Perspectivas para o Território Federal de Rondônia – Demografia*. Brasília, UnB, 1979, mimeo. A “hipótese média” considera as migrações em 1979 e 1980 como a média aritmética das migrações no período 1976-78. A “hipótese máxima” considera as migrações para 1979 e 1980 como a média aritmética das migrações em 1976 e 1978 (em 1977 houve uma diminuição drástica no número de migrantes).

migrações (“migração I” e “migração II”).² O primeiro caso parece bastante adequado para estimar a população em 1980, já que as projeções são baseadas em observações da migração em três dos cinco anos do quinquênio 1976-80. A população em 1980, neste caso, estaria por volta de 420.000 habitantes. Já para 1985, o conjunto de hipóteses mais adequado depende do que venha a ocorrer com o processo de ocupação econômica e com os projetos de colonização. Se a situação se mantiver como nos anos do segundo quinquênio desta década, o primeiro conjunto de hipóteses é seguramente, mais uma vez, o mais adequado para projetar a população em 1985. E neste caso a população se situaria nesse ano entre 580.000 e 690.000 habitantes. Por outro lado, se houver uma aceleração no processo de colonização, o segundo conjunto de hipóteses é, certamente, o mais adequado, situando-se a população em 1985 por volta de 1.050.000 habitantes. O quadro 2 mostra as diferentes hipóteses e projeções de população obtidas para os anos de 1980 e 1985.

Quadro 2
Projeções de população para Rondônia (1980/85)

Hipótese utilizada	1980	1985
Hipótese média	415.103	579.887
Hipótese máxima	424.101	686.550
Migração I	343.023	1.017.215
Migração II	343.023	1.073.284

Fonte: *Diagnóstico e Perspectivas para o Território Federal de Rondônia – Demografia*, op. cit., *Diagnóstico Geo-sócio-econômico da Região Centro-Oeste – Demografia*. Brasília, UnB, 1979, mimeo.

As estimativas de população economicamente ativa baseiam-se nas mesmas hipóteses sobre migração em que se basearam as estimativas de população, utilizando-se as taxas de atividade fornecidas pelo censo demográfico de 1970. Para 1978 estimou-se a PEA (“hipótese máxima”) em 104.836 pessoas, o que indica um crescimento anual de 14,7%,³ no período 1970-78.

² Estas hipóteses são derivadas do trabalho *Diagnóstico Geo-sócio-econômico da Região Centro-Oeste – Demografia*. Brasília, UnB, 1979, mimeo. A hipótese “migração I” supôs para 1970-75 migrações rural e urbana constantes; para 1975-80, aumento de 40% nas migrações rural e urbana; para 1980-85, volta ao nível de 1970-75 na migração rural e aumento de 70% na migração urbana. A hipótese “migração II” supôs para 1970-75 migrações rural e urbana constantes; para 1975-80, aumento de 40% nas migrações rural e urbana; para 1980-85, aumento de 20% na migração rural e aumento de 70% na migração urbana. Tanto num caso como no outro os cálculos são efetuados tomando-se como referência os níveis de migração observados no período 1965-70.

³ O crescimento médio da PEA no período 1960-70 foi de 4,6% ao ano.

Os censos de 1960 e 1970 nos indicam que estava acontecendo em Rondônia o mesmo deslocamento que se vem verificando no resto do País no que toca à distribuição da população economicamente ativa entre os setores, com a sensível diminuição da participação do setor agrícola (de 61,1 em 1960 para 46,9% em 1970). No entanto, como o fluxo migratório pós-1970 é eminentemente de colonos, essa tendência pode ter sido freada ou, mesmo, revertida.

Com relação às projeções da PEA para 1980, consideramos, como no caso das projeções de população, que as baseadas em observações de migração no período 1976-78 são as mais adequadas ("hipótese média" e "hipótese máxima"). Neste caso, a PEA se situaria em 1980 em cerca de 129.000 pessoas, sendo cerca de 113.500 homens e 15.500 mulheres (60.500 PEA urbana e 68.500 PEA rural). Já para 1985 a hipótese de migração mais adequada, como nas projeções de população, vai depender do que venha a acontecer com o processo de ocupação do território. Se persistir a tendência observada no segundo quinquênio desta década, o primeiro conjunto de hipóteses continua sendo o mais adequado. Neste caso, a PEA se situaria em 1985 por volta de 227.000 pessoas, sendo cerca de 202.000 homens e 25.000 mulheres (120.700 PEA urbana e 106.300 PEA rural). Se houver uma aceleração no processo de ocupação, o segundo conjunto de hipóteses é, provavelmente, o mais adequado ("migração I" e "migração II"). E neste caso a PEA estaria, em 1985, por volta de 401.000 pessoas, sendo cerca de 314.000 homens e 87.000 mulheres (cerca de 190.000 PEA urbana e 211.000 PEA rural). O quadro 3 resume as projeções obtidas, segundo as diversas hipóteses.⁴

Quadro 3
Projeções da PEA para Rondônia (1980/85)

Hipótese utilizada	1980			1985		
	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total
Hipótese média	61.164	65.505	126.669	91.099	97.565	188.664
Hipótese máxima	62.355	66.781	129.136	109.401	117.166	226.567
Migração I	59.683	63.919	123.602	282.015	92.079	374.094
Migração II	59.683	63.919	123.602	282.015	118.842	400.857

⁴ Note-se que estes números são o resultado da utilização da estrutura urbano/rural de 1980 aplicada aos dados de 1985. Fizemos isto pelo fato de que as hipóteses de "migração I" e "migração II" supõem uma grande aceleração da migração com destino urbano no período 1980-85, contrariando a nossa suposição básica de que a aceleração da ocupação econômica do território se refletirá mais acentuadamente no setor agrícola, através dos projetos de colonização.

3. Perfil do migrante

Ao chegarem a Rondônia os colonos preenchem uma ficha nos postos do INCRA, que classifica os pretendentes às parcelas de terra por um sistema de pontos. Essas informações foram utilizadas para tentar traçar um perfil da mão-de-obra migrante. Note-se que os atributos a que vamos fazer referência dizem respeito somente à mão-de-obra agrícola, particularmente ao parceleiro migrante, não incluindo, portanto, o grande proprietário, que teve sua posse reconhecida pelo INCRA ou o licitante de grandes áreas (acima de 100ha). Esse perfil seria o seguinte:⁵

a) os colonos ao chegarem a Rondônia não têm outras habilidades senão para a agricultura; numa amostra de 6.472 parceleiros, somente 329 indicaram possuí-las. Isto significa que apenas 5% dos parceleiros têm algum tipo de habilidade fora da agricultura;

b) dentre os que têm outro tipo de habilidade, a grande maioria vem do Sudeste (64,7%), com destaque para Minas Gerais (31,9%) e São Paulo (15,8%). Por ordem de importância, vêm a seguir: Nordeste (18,5%), destacando-se Bahia (5,5%), Pernambuco (4,6%) e Ceará (4,0%); e Sul (13,4%), destacando-se o Paraná (8,8%). As habilidades que aparecem com maior frequência são para motorista (35,9%), carpinteiro (21,3%), pedreiro (16,1%) e operador de máquina agrícola (6,1%).

O teste estatístico entre as variáveis estado de origem⁶ e habilidades indica que as mesmas não são independentes ($\chi^2 = 560,74$; 340 graus de liberdade; significância 0,0000), sugerindo que há uma associação entre estado de origem e o fato de ter ou não outras habilidades. De fato, para as três habilitações que aparecem com maior frequência, os colonos provêm de Minas Gerais, respectivamente, 20,3, 41,4 e 39,6%; de São Paulo, respectivamente, 21,2, 2,9 e 13,2%; do Paraná, respectivamente, 11,0, 8,6 e 5,7%;

c) entre os que indicaram ter alguma outra habilidade 24,3% são analfabetos, 69,9% sabem ler e escrever, 4,6% têm o primário completo, 0,6% têm o secundário incompleto e 0,6% o secundário completo. Entre as quatro habilidades que apareceram com maior frequência (motorista, carpinteiro, pedreiro e operador de máquinas agrícolas) as percentagens de analfabetos são respectivamente: 15,4, 21,7, 37,7 e 30,0%. O teste estatístico indica que há alguma associação entre as variáveis habilidade e grau de instrução ($\chi^2 = 113,52$; 80 graus de liberdade; significância 0,0070).

⁵ O teste utilizado foi a verificação da existência ou não de associação entre variáveis, através do teste qui-quadrado. Dispunha-se de 6.472 fichas, incluindo observações dos seguintes projetos de colonização: Rolim de Moura; Ji-Paraná; Burareiro; Ouro Preto; Paulo de Assis Ribeiro; Sidney Girão; Adolfo Rohl; e Abaitará (veja mapa anexo).

⁶ Estado de origem pode não ser necessariamente o estado de nascimento.

Embora não tenhamos feito o cruzamento entre estado de procedência e grau de instrução, as evidências citadas parecem indicar uma associação entre grau de instrução e estado de origem, já que há uma associação entre as variáveis estado de origem e habilidade, e entre esta e a variável grau de instrução;

d) os colonos que cultivavam áreas pequenas (até 9ha) antes de migrarem para Rondônia têm pouca ou nenhuma experiência com culturas permanentes. Isto pode indicar a necessidade de, em programas de incentivo ao cultivo de culturas permanentes, no item assistência técnica, levar-se em consideração que 2/3 dos colonos que plantavam pequenas áreas não tinham nenhuma experiência com esse tipo de cultura;

e) antes de chegar a Rondônia a grande maioria destinava sua produção para intermediários e não possuía nenhuma experiência na utilização de crédito e em lidar com cooperativas ou postos de armazenamento. Isto indica que qualquer programa de concessão de crédito aos parceiros necessita ser precedido de um esforço no sentido de esclarecer aos mesmos o funcionamento, os objetivos e as vantagens de cada um desses programas.

4. Programas de treinamento

Se bem que o perfil descrito nos autorize a sugerir que talvez o programa de treinamento de maior sentido social ainda fosse um programa de alfabetização com o maior alcance possível, confrontamos este perfil com os programas de treinamento desenvolvidos no território pelo Senar e pelo Pipmo. Apesar de o número absoluto de pessoas treinadas ainda ser pequeno (616 em 1974 e 3.261 em 1977) a taxa de crescimento dos programas no período 1974-77 foi de 74,3% ao ano. Os programas executados ao longo da BR-364 (veja mapa anexo) são voltados predominantemente para o setor primário, enquanto os programas da região de Porto Velho são mais voltados para o setor terciário. Isto se enquadra no que se poderia desejar *a priori*, tendo em vista as características das localidades em que são desenvolvidos os programas. No entanto, uma tentativa de ajustar ainda mais os programas de treinamento do Senar e do Pipmo às características do Território apontaria para as seguintes mudanças:

a) uma maior descentralização dos programas em direção à BR-364 e à fronteira da Bolívia, uma vez que 52,7% dos programas, em termos de alunos treinados, foi cumprido em Porto Velho;

b) uma concentração ainda maior dos programas no setor agrícola, tendo-se em vista que as características do Território assim o recomendam;

c) nos programas voltados para o setor agrícola, aumentar a participação daqueles dirigidos à área de culturas permanentes.

5. A evolução do emprego

Relativamente à evolução do emprego, poderíamos fazer as mesmas observações quanto à escassez e conflitos nas informações. Apesar disso, não há dúvidas quanto ao intenso crescimento do emprego em todos os setores, principalmente nos setores agrícola e de serviços. A partir de 1970, com a implantação dos projetos de colonização pelo INCRA, acentua-se, no Território, a predominância da agricultura e outras atividades a ela atreladas. As atividades urbanas mais ligadas aos setores secundário e terciário também crescem a taxas bastante elevadas, com o aparecimento de diversas atividades de beneficiamento de produtos agrícolas e a intensificação do comércio nos centros urbanos.

A estrutura do emprego no setor de serviços em 1970 mostrava uma elevada concentração em algumas categorias, como, por exemplo, “alojamento e alimentação”, que detinha cerca de 60% do emprego do setor. Posteriormente, houve uma diversificação desta estrutura, com as atividades do setor expandindo-se a taxas elevadas. Segundo dados da Coget,⁷ o setor já empregava em 1975 34.517 pessoas, o que indicava uma taxa de crescimento no período 1971-75 de 25% ao ano. Esta elevada taxa, se por um lado pode estar refletindo o intenso crescimento da economia e um forte processo de urbanização em Rondônia, por outro lado pode estar indicando, como tivemos ocasião de observar, o aparecimento de formas de subemprego muito comuns nas cidades brasileiras.

As projeções do emprego no setor serviços foram feitas por vinculação do crescimento do setor às projeções de crescimento da população.⁸ Assim, para 1980, teríamos cerca de 63.600 pessoas empregadas no setor. Para 1985, dependendo da hipótese sobre a intensidade do processo de ocupação econômica do Território, um emprego variando entre 102.400 e 194.000 pessoas.

Até 1970 o setor industrial de Rondônia se caracterizava pelo seu reduzido peso em relação aos demais setores. Após 1975 houve uma grande diversificação das indústrias do Território, porém, ainda no âmbito das indústrias voltadas para o mercado local. As indústrias que têm mercado primordialmente fora de Rondônia são as extrativas minerais, beneficiamento de madeira, borracha e castanha-do-Pará. Os ramos de madeira e mobiliário e produtos alimentares contavam com 66% dos estabelecimentos e 41% das pessoas ocupadas no setor, em 1976. O ramo de extrativas minerais, apesar do reduzido número de estabelecimentos, era responsá-

⁷ Coordenação de Geografia e Estatística do Território.

⁸ Se utilizarmos a taxa média de crescimento do setor no período 1970/75 (24,6%) para projetarmos o número de pessoas nele empregadas em 1980 e 1985, encontraremos o setor serviços empregando, respectivamente, cerca de 103.900 e 311.300 pessoas nesses anos. Note-se que esta extrapolação é inadequada, já que naquele período foram obtidas altas taxas de crescimento devido a implementação de quase todos os projetos de colonização. Note-se também que somente para acompanhar o crescimento demográfico projetado, o setor serviços teria que crescer a taxas não inferiores a 13% ao ano, no período 1975-80. No período 1980-85 o crescimento situa-se entre 10% e 25%, dependendo da hipótese de migração utilizada.

vel por 43% do pessoal ocupado.⁹ Nesse ano, o setor indústria era constituído de 399 estabelecimentos empregando 5.711 pessoas, concentrando suas atividades em Porto Velho (32% dos estabelecimentos e 64% do pessoal ocupado na indústria). O número de estabelecimentos industriais cresceu no período 1960-76 a uma taxa de 13,2% ao ano e o número de pessoas ocupadas na indústria a uma taxa anual de 16,2% no mesmo período, o que revela um ritmo de crescimento bastante intenso. O quadro 4 mostra a evolução do número de estabelecimentos industriais e de pessoal ocupado no setor no Território, no período 1960-76.

Quadro 4
Rondônia
Número de estabelecimentos e pessoal ocupado na indústria (1960/76)

Ramos industriais	1960		1970		1976	
	N.º estab.	Pessoal ocupado	N.º estab.	Pessoal ocupado	N.º estab.	Pessoal ocupado
Extr. min.	2	75	4	208	6	2.457
Min. não-metálicos	15	129	40	218	70	410
Metalurgia	—	—	2	x	8	54
Mat. transp.	—	—	2	x	5	8
Mad. e mob.	4	47	15	170	143	1.500
Borracha	1	73	2	x	5	181
Mat. plást.	—	—	—	—	2	7
Vest. e calç.	1	6	1	x	6	20
Prod. alim.	26	134	45	584	123	837
Bebidas	2	18	3	37	6	53
Edit. gráf.	4	33	10	89	20	169
Diversos	—	—	—	—	5	15
Total	55	515	134	1.448	399	5.711

Fonte: 1960 e 1970 — *Censo industrial* de 1960 e 1970. FIBGE.

1976 — *Cadastro industrial* — 1976/77. Governo do Território Federal de Rondônia.

As projeções de emprego no setor industrial foram feitas com base nas taxas de crescimento do período 1960-76 e por vinculação do crescimento de ramos específicos do setor a um dos três fatores: crescimento da população, crescimento da produção agrícola e crescimento da atividade de extração mineral. O quadro 5 mostra estas projeções. Para o ano de 1980, os dois métodos fornecem números

⁹ A lavra de cassiterita passou, com a proibição da garimpagem, a ser explorada por grandes empresas de mineração.

Quadro 5
Projeções de Emprego Industrial em Rondônia (1980/85)

Hipótese A			Hipótese B			
Ramos industriais	1980	1985	Ramos industriais	1980*		1985*
Ext. mineral	5.884	17.530	Transf. simp. alim.	477	(477)	666 (666)
Min. não-metálicos	548	786	Man. p/uso domést.	306	(306)	428 (428)
Mad. mob.	3.569	10.548	Mat. constr.	659	(659)	921 (921)
Borracha	227	301	Agro-ind. (benef.)	253	(322)	394 (869)
Vest., calç. e artes						
têxtil	27	39	Benef. prod. ext.	2.570	(3.262)	2.892 (4.805)
Prod. alim.	1.322	2.340	Ext. miner.	3.100	(3.564)	3.956 (5.740)
Bebidas	69	97	Outras indústrias	489	(489)	683 (683)
Edit. gráf.	254	422				
Total	10.412	22.058	Total	7.854	(9.078)	9.940 (14.112)

Fonte: Quadro 3 e *Diagnóstico e Perspectivas para o Território Federal de Rondônia – Setor Industrial*. Brasília, UnB, 1979. mimeo.

* O primeiro número indica a variante pessimista e o segundo a variante otimista.

Hipótese A: extrapolação das taxas de crescimento do período 1960-76.

Hipótese B: vinculação do crescimento de certos ramos ao crescimento da população; outros ramos ao crescimento da produção agrícola; no caso da extração mineral, ao crescimento da atividade de extração.

razoavelmente próximos, principalmente se considerarmos a variante denominada de otimista num desses métodos.¹⁰ Assim, teríamos em 1980 cerca de 9.800 pessoas empregadas no setor industrial. Para 1985 a aplicação da variante otimista de um dos métodos resultou em cerca de 14.100 pessoas empregadas, enquanto a extrapolação das taxas de crescimento do período 1960-76 indicaria um emprego no setor industrial de cerca de 22.100 pessoas.

O alargamento da fronteira agrícola atraiu para o Território de Rondônia um grande número de agricultores que modificaram e ativaram substancialmente suas atividades agrícolas. Embora existam dúvidas com relação à confiabilidade do dado censitário de emprego agrícola para 1975, o comportamento do emprego no setor primário demonstra, pelas altas taxas de absorção de mão-de-obra, como foi importante a expansão da fronteira agrícola para o Território. Segundo os censos agrícolas, o emprego de 1960 a 1970 passou de 4.250 a 20.563 pessoas, representando uma taxa de crescimento anual de aproximadamente 17,1%. De 1970 a

¹⁰ A hipótese conservadora supõe a continuação da tendência verificada nos anos pós-70. A hipótese otimista supõe uma aceleração, além de melhora nas condições de infra-estrutura que permitiu tal aceleração, mormente em transportes. Veja *Diagnóstico e Perspectivas para o Território Federal de Rondônia – Setor Industrial*. Brasília, UnB, 1979. mimeo.

1975 verifica-se uma nova quintuplicação do emprego nesse setor, passando-se de 20.563 a 106.704 pessoas empregadas, correspondendo a uma taxa de crescimento anual de 39%.

A produção agrícola das principais culturas de subsistência, no período 1970-78, aumentou, em média, mais de cinco vezes. Em algumas culturas a expansão foi ainda maior, como no caso do cacau e do café, cujas produções mais que decuplicaram, e da banana, que aumentou em mais de cinquenta vezes. Tãmanha expansão da produção foi conseguida graças à modalidade de ocupação, baseada, primordialmente, em projetos de colonização.

A expansão da produção apontada exige que se considere a questão da eficiência produtiva da pequena propriedade. Sabe-se que a inexistência de economias de escala de monta faz com que propriedades de até 100ha predominem no País como um todo, não só nas lavouras de subsistência, como em culturas perenes como o cacau e o café. Neste sentido, a colonização do território poderá, em princípio, ser instrumento de expansão tanto de culturas voltadas ao abastecimento do mercado interno quanto de lavouras de exportação.

Um melhor aproveitamento da produção gerada em Rondônia encontra sérios óbices na deficiente estrutura de comercialização, cujo ponto de estrangulamento principal se situa na deficiência de transportes. Trata-se, portanto, de uma necessidade vital, para Rondônia, o asfaltamento da BR-364, o melhor aparelhamento das instalações portuárias de Porto Velho e a abertura e manutenção de mais estradas vicinais nos projetos de colonização.

As projeções de emprego no setor agrícola, para 1980 e 1985, basearam-se nas estimativas de expansão da área plantada¹¹ (veja quadro 6) e também por extrapolação das taxas de crescimento do setor em vários períodos.

As projeções, de acordo com o primeiro método, resultaram num emprego agrícola superior mesmo às mais otimistas projeções para a PEA total, o que parece indicar que as expansões de área plantada utilizadas, mesmo nas suas variantes pessimistas, só podem ser conseguidas com um aumento substancial no fluxo migratório e na intensidade de utilização das glebas já distribuídas, ou que venham a ser distribuídas. A não ser assim teríamos de ter uma mudança substancial nas tecnologias de cultivo presentemente utilizadas. Do mesmo modo, a extrapolação de taxas de crescimento de períodos muito influenciados pelo quinquênio 1970-75 resultam num emprego bem superior às mais otimistas projeções da PEA total, principalmente quando se utiliza como ponto de partida o emprego agrícola do Censo Agrícola de 1975 (veja quadro 7).

Em virtude das divergências apontadas no quadro 7, resolvemos indicar como projeções de emprego no setor agrícola um intervalo. Para tanto, procuramos eliminar as alternativas de projeção em claro desacordo com as estimativas da PEA feitas anteriormente. Deste modo, o emprego agrícola em 1980 estaria entre 51.800 e 158.200 pessoas, e em 1985 entre 96.800 e 282.800 pessoas, depen-

¹¹ Mueller (1979).

Quadro 6

Projeções de Emprego Agrícola (1980-85) Baseadas em Estimativas de Expansão da Área Plantada

Ano	Alternativa A*	Alternativa B**
1980	230.857 256.987	158.221 184.351
1985	355.436 544.005	282.800 471.369

Fonte: Para as estimativas de área plantada, veja Mueller, Charles C., op. cit.; para as estimativas de emprego Carvalho Lívio de. *Diagnóstico e Perspectivas para o Território Federal de Rondônia – Mão-de-obra e Emprego*. Brasília, UnB, 1979, p. 58-63, mimeo.

Nota: Em cada caso, o primeiro número corresponde à alternativa pessimista e o segundo à otimista.

* Emprego agrícola em 1975 = 106.704 (dado do *Censo Agrícola de 1975* – FIBGE, sinopse preliminar).

** Emprego agrícola em 1975 = 34.068 (= PEA rural em 1975; fonte: *Diagnóstico Geo-sócio-econômico da Região Centro-Oeste do Brasil – Setor Mão-de-obra*. Brasília, UnB, 1979, mimeo.

Quadro 7

Rondônia – Projeções de Emprego Agrícola – 1980/1985

Ponto de partida	Projeções de Emprego Agrícola					
	Alternativa I		Alternativa II		Alternativa III	
	1980	1985	1980	1985	1980	1985
Emprego Agríc. 1960	51.823	96.840	99.550	219.006	312.407	914.753
Emprego Agríc. 1970	71.805	134.179	99.521	218.941	176.300	516.221
Emprego Agríc. 1975	199.395	372.603	234.744	516.426	312.438	914.843

Alternativa I: Utilizando-se taxa de crescimento do emprego agrícola no período 1950-75.

Alternativa II: Utilizando-se taxa de crescimento do emprego agrícola 1960-70.

Alternativa III: Utilizando-se taxa de crescimento do emprego agrícola 1960-75.

dendo, em cada caso, de se o crescimento do setor segue a tendência de longo prazo verificada até 1975 ou se há uma aceleração do processo de ocupação do território.

6. Conclusão

Para finalizarmos, seria interessante confrontarmos as projeções de emprego, nos diversos setores, com as projeções da PEA em 1980 e 1985. Este confronto resultaria no seguinte cenário:

Nota-se no quadro 8 que tanto as projeções da PEA quanto as projeções de emprego variam muito, dependendo de hipóteses menos ou mais otimistas sobre a ocupação do Território no futuro (agilização dos esquemas de colonização, melhoria nos transportes e na comercialização de produtos agrícolas etc.) As previsões menos otimistas indicam um desemprego de cerca de 3% em 1980 e cerca de 6% em 1985. Pelas previsões mais otimistas o emprego tenderia a crescer muito mais rapidamente que a PEA, superando-a em cerca de 80% em 1980 e 25% em 1985. As projeções foram feitas muitas vezes baseando-se em dados preliminares e utilizando procedimentos muito elementares. A idéia era ter uma primeira visão da evolução da PEA e do emprego, ainda que muito grosseira. É evidente

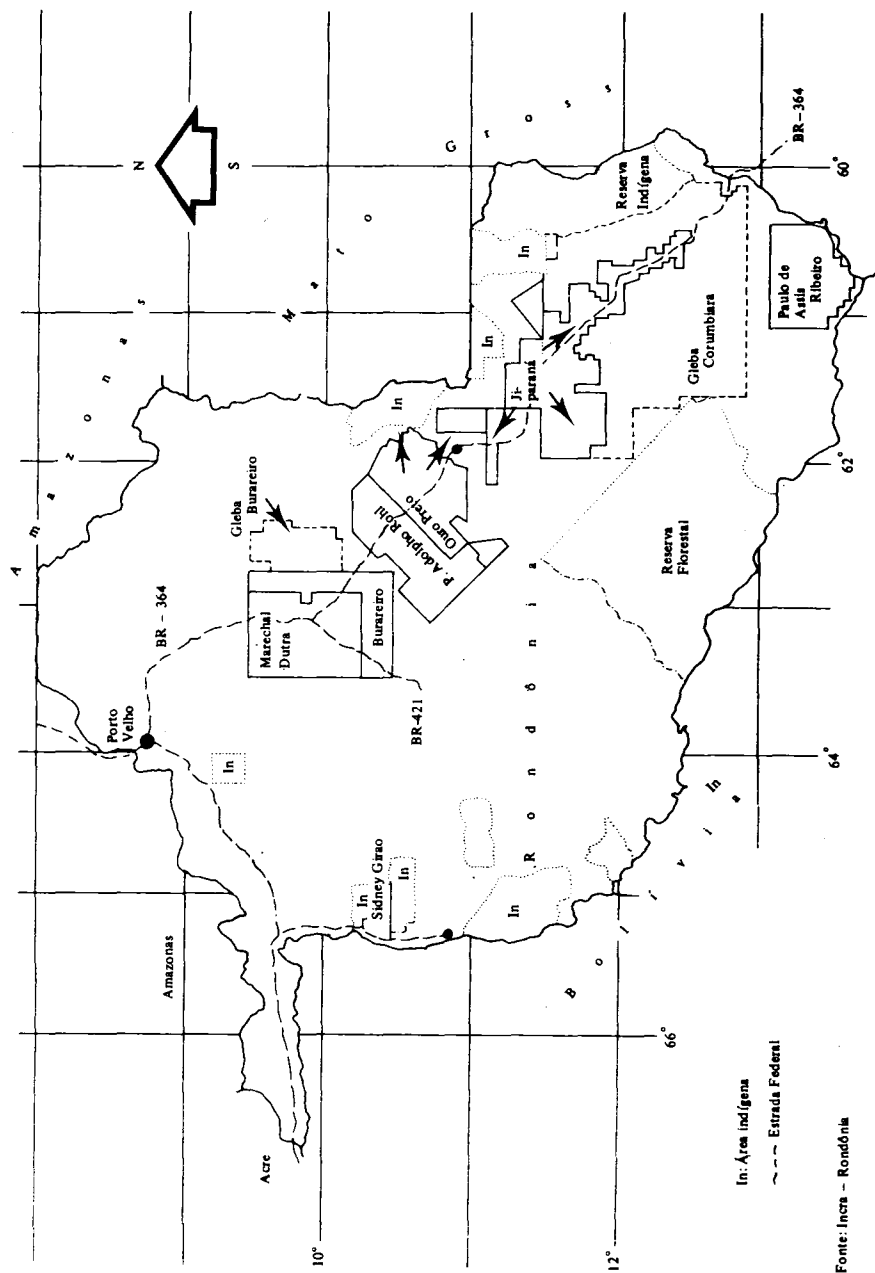
Quadro 8
Rondônia – Projeções de população economicamente ativa e emprego
1980/1985

Setor	1980		1985	
	PEA	Emprego	PEA	Emprego
Setor prim.	60.500	51.800/158.200	106.300/211.000	86.800/282.000
Set. sec.	68.500	9.800	120.700/190.000	14.100/ 22.100
Set. terc.		63.300		102.400/194.000
Total	129.000	125.200/231.600	227.000/401.000	213.300/498.900

Nota: O primeiro número, em cada caso, indica a variante de crescimento menos otimista.

que na medida em que a tendência explicitada se manifeste, existirão pressões para que os fluxos migratórios sejam ainda maiores que a mais otimista das projeções feitas. Mas, os números do quadro 8 parecem indicar que, sob o ponto de vista da evolução do mercado de trabalho, as perspectivas do território são as mais positivas, não deixando dúvidas que Rondônia, no que toca à questão do emprego, mesmo nas versões menos otimistas, não será uma região problema. E poderá ser uma região solução no sentido de minorar substantivamente o desemprego existente em outras unidades da federação, principalmente o de origem rural, se o Território receber apoio no sentido de acelerar a sua ocupação econômica, dotando-o com a necessária infra-estrutura, mormente a de transportes.

É muito importante enfatizar que o pano de fundo das extrapolações feitas (mão-de-obra e emprego) é o intenso processo de ocupação que se vem verificando no Território. Assim, como a base dessa ocupação foram os projetos de colonização (distribuição de áreas de 100ha aos colonos), fica patente que as projeções feitas levam em conta a continuação desse padrão de ocupação. Acreditamos que



outra modalidade, por exemplo, exclusivamente através da licitação de grandes áreas, não seria capaz de gerar o volume de ocupações permanentes que seria necessário para absorver novos contingentes de migrantes e o crescimento da PEA que se originaria da população já residente.

Bibliografia

Carvalho, Lívio de. *Diagnóstico e Perspectivas para o Território Federal de Rondônia – Mão-de-obra e Emprego*. Brasília, Univ. de Brasília, 1979, mimeo.

Henriques, Maria Helena da T. *Diagnóstico e Perspectivas para o Território Federal de Rondônia – Demografia*. Brasília, Univ. de Brasília, 1979, mimeo.

_____. *Diagnóstico Geo-sócio-econômico da Região Centro-Oeste – Demografia*. Brasília, UnB, 1979. mimeo.

Mueller, Charles C. *Diagnóstico e Perspectivas para o Território Federal de Rondônia – Agropecuária; Mineração e Indústria; Colonização*. Brasília, Univ. de Brasília, 1979. mimeo.